

CURRÍCULO: AINDA HÁ MUITO A PERCORRER

(CURRICULUM: THERE IS YET MUCH TO BE DONE)

CÁTIA LUZIA OLIVEIRA DA SILVA¹

RESUMO

O currículo escolar tem tido a função de transmitir os saberes considerados válidos socialmente. Faz-se necessária uma análise crítica de sua relação com a escola e com o ensino e, mais profundamente, de suas inspirações ideológicas e do tratamento que tem dado ao saber.

O presente texto objetiva abordar, historicamente, a ligação que tem tido o currículo com as tendências pedagógicas e em quais aspectos ele tem servido para preservar a hegemonia, e o que ainda lhe falta para garantir a construção de um verdadeiro projeto de educação para o País.

Palavras-chave: currículo, escola, ensino, tendências pedagógicas.

ABSTRACT

The school curriculum has been used to transmit knowledge that is considered socially valid. It is therefore necessary to make a critical analysis of it and its relation, not only to the school and to teaching, but in a more profound manner, to its ideological inspirations and to the treatment it has been given to knowledge.

The object of this text is to trace historically the relationship between the curriculum with its pedagogical tendencies and its efforts to preserve its dominance, and what yet remains to guarantee the construction of a genuine project in education for the country.

Keywords: curriculum, school, teaching, pedagogical tendencies

A escola, palavra que em grego significa *lugar do ócio* (11), surgiu a partir da divisão da sociedade em classes, advinda da propriedade privada da terra, na Antigüidade. À escola tinham acesso as classes ociosas, ou seja, aquelas que não necessitavam trabalhar para sobreviver: os proprietários de terras. Estes viviam do esforço da maioria da população, que se educava no labor diário. A escola, então, desde cedo caracterizava-se como o próprio lugar de diferenciação e exclusão social.

As escolas paroquiais da Idade Média educavam para atividades consideradas nobres, em que o ócio era ocupado para a formação do cortês, do aristocrata, do cavaleiro que se manteria distante de atividades indignas à sua posição. Ensinava-se, então, tudo o que seria necessário para a manutenção de sua condição que, inclusive, era hereditária.

Na época moderna, com a expansão do capitalismo e com a crescente urbanização, cresceu também a necessidade de se expandir a escola para todos. Atender às necessidades da nova configuração social era o papel da escola: formar proprietários livres. Lembrese que liberdade, neste contexto, mantinha estreita ligação com propriedade. Formava-se uma sociedade contratual, baseada em relações formais, em que o papel da escrita assumiu grande importância, determinando a própria racionalidade capitalista. Logo, escolarizar era preciso.

A escola, então, formaria o cidadão civilizado, afinado com as necessidades do progresso e com a manutenção do próprio capitalismo. A forma escolar de educação foi se sobrepondo pouco a pouco às formas não escolarizadas – educação não-formal – e foi absorvendo muitas e diversas responsabilidades. Quase tudo seria função da escola, segundo Saviani:

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira - Faculdade de Educação - Universidade Federal do Ceará.

isto nos permite compreender por que assistimos hoje em dia a uma verdadeira hipertrofia da escola. Em outros termos: tende-se a considerar e atribuir à escola tudo aquilo que é educativo; a escola tem que absorver todas as funções educativas que antes eram desenvolvidas fora da escola, já que hoje há uma tendência a esperar que as mesmas sejam desenvolvidas dentro da escola (11: 157).

Tal hipertrofia da escola refere-se ao fato de que ela tem suas funções distendidas tanto horizontalmente quanto verticalmente, respectivamente, ou seja, espera-se que os alunos dispendam mais tempo na escola, assumindo uma jornada integral e que mais anos sejam incorporados à permanência nas séries escolares. Isto também diz respeito à absorção de tudo quanto se julgue educativo e válido de ser ensinado, o que traz conseqüências imediatas para o currículo, pois este fica sobrecarregado (11: 151 a 168).

Assumindo um papel de destaque no modo de produção capitalista, a escola passou a extrapolar o especificamente pedagógico. Entretanto, sendo o capitalismo o grau mais avançado da diferenciação de classes, a escola acompanhou esta tendência: na medida em que buscou se generalizar, se diferenciou, ou seja, a escola das elites não seria a mesma das massas. Enquanto aqueles que detinham o poder econômico se beneficiavam de uma escolarização avançada, a classe operária, assalariada, era educada para respeitar as virtudes seculares, segundo um currículo conservador que dava primazia ao conhecimento religioso e que preparava, sobretudo, para ler, escrever e contar (8: 35).

Percebe-se, hoje em dia, entretanto, uma tendência contrária: cada vez mais se tem falado de educação não-formal. Não são poucas as vozes que se levantam a seu favor, destacando suas vantagens. De qualquer forma, tal oposição reforça, digamos assim, as características do modo escolarizado de educação, pois só em função deste é que se pode conceber o não-formal.

A escola, uma vez que está engajada num amplo contexto – social, econômico, cultural, político – não está imune às mudanças do mundo com o qual mantém relação, fazendo parte até das exigências deste mesmo mundo em transformação. Assim sendo, como organizar o currículo para que atenda aos novos anseios?

Currículo, escola e ensino são coisas diferentes, mas são tão interligadas que chega a ser difícil traçar uma linha divisória para demarcá-las. Vivem

uma em função da outra. O estabelecimento de um currículo depende do tipo de ensino que se quer adotar e da escola que se deseja. Tem sido assim ao longo da história.

O currículo tem estado orientado em função do saber válido socialmente e digno de ser transmitido. Trata-se de uma seleção intencional deste mesmo saber, e de forma organizada, objetivando que o aluno alcance resultados. É, então, muito mais que uma grade curricular, pois abarca todo o envolvimento escolar para propiciar o dinamismo do processo educacional. Originalmente, entretanto,

a palavra currículo vem da palavra latina Scurrere, correr, e refere-se a curso (ou carro de corrida). As implicações etimológicas são que, com isso, o currículo é definido como um curso a ser seguido, ou, mais especificamente, apresentado. (8: 31)

Outra implicação da origem latina do currículo é o vínculo com a disciplina, oriunda da divisão dos alunos em classes, na época da crescente escolarização das massas. Aqui, o grupo se afirmou em oposição à contemplação das características individuais. O currículo assumiu uma *posição definitiva na epistemologia da escolarização*, uma vez que, combinado à pedagogia e à avaliação, formou uma trilogia característica do processo escolar no início do século XX (8: 35).

O CURRÍCULO E AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Leite (9) destaca as influências das tendências pedagógicas no currículo escolar. No ensino humanístico-clássico, em que se buscava transmitir a herança cultural, prevalecia a educação tradicional. O professor ocupava o centro do processo e o aluno não passava de mero receptor passivo. O currículo marcava-se por ser racionalista-acadêmico, pois sua base era a neutralidade da educação e a alienação do mundo. Ainda em nossos dias, observamos que persiste esta forma tradicional de educação. O currículo se restringiu tão-somente ao rol de disciplinas, pregando um conjunto de verdades conservadas tradicionalmente pela ciência no mundo ocidental. O conhecimento ficou limitado ao seu lado informativo, factual, estático, prescritivo, até as primeiras décadas do século XX.

Nos anos 30, nasceu a tendência escolanovista. A Escola Nova tinha suas bases fincadas no humanismo moderno e possuía influência norte-americana. Apoiada, então, numa doutrina liberal, visava à

formação de cidadãos participantes e, ao mesmo tempo, de indivíduos auto-suficientes nas habilidades mentais. O eixo da educação era a criança e o seu mundo, sendo o professor um facilitador da aprendizagem do aluno. Embora, nesta tendência, o educando seja visto como sujeito de sua aprendizagem, devendo-se levar em conta suas vivências e dar prioridade aos aspectos psicológicos em lugar dos lógicos, prevaleceu o tecnicismo, que privilegiou os modos em detrimento dos conteúdos. Também, por não se destinar a uma grande quantidade de alunos, ressaltando o aspecto individual da educação, foi acusada de ser seletiva.

Nos anos 80, a grande insatisfação da sociedade brasileira levou ao nascimento da tendência crítica da educação. O desgaste da ditadura militar levou a se considerar a educação como saída da opressão e superação do caráter reprodutor da sociedade. Baseada no neomarxismo, esta tendência tinha como pressupostos o esclarecimento e a emancipação. Nas salas de aula, pregava-se que os conteúdos deveriam ser trabalhados criticamente. A tendência crítica da educação deu origem a duas vertentes: a vertente libertadora, de Paulo Freire, baseada na interação do homem com o mundo para a formação de um ser crítico, apto a se inserir no mundo histórico, atuando como sujeito que busca *ser mais* e a vertente da pedagogia crítico-social dos conteúdos, de que faziam parte Libâneo, Saviani, Cury, Mello. Ressaltava-se a importância da transmissão dos conteúdos na interação com o meio social, sendo estes mesmos conteúdos que determinariam os procedimentos e métodos adotados. O currículo ficou conhecido como “currículo-formação”. Nasceu o paradigma dinâmico-dialógico do currículo, em que este era relacionado com o contexto histórico e cultural, buscando a emancipação das camadas populares.

Assim, teoricamente podemos nos referir ao currículo tanto como ciência natural quanto como ciência crítica (9). O currículo como ciência natural segue os mesmos pressupostos das ciências da natureza, tendo a Física como modelo supremo: previsibilidade, predeterminação e planejamento. Seguindo o princípio da generalização, caracteriza-se por sua tecnicidade e racionalismo. O currículo é chamado de “currículo-produto”. Atende às divisões do trabalho na sociedade industrial, reproduzindo a estrutura social e consolida uma visão fragmentária da educação. Na busca pela neutralidade, privilegia a racionalidade técnica. A este tipo de currículo correspondem as tendências tradicional e escolanovista, pois buscam adaptar a escola e o currículo à ordem capitalista. As escolas mesmas são

comparadas a fábricas, que devem primar por um gerenciamento também científico. Curioso é notar que o currículo como ciência crítica teve seu início influenciado pelo método positivista das ciências naturais. Depois, entretanto, buscou orientação em teorias sociais emergentes na Europa (neomarxismo, teoria crítica da escola de Frankfurt, fenomenologia etc) que tinham o objetivo de revelar a tensão entre natureza e cultura, considerando que esta é mediatizada por aquela. Duas correntes nasceram destas idéias - uma humanística e outra neomarxista. A partir de então, o currículo foi vislumbrado em três aspectos: o formal (prescrito em documentos), o oculto (regras do senso comum que passam a integrar o currículo), em ação (relacionado ao que é utilizado cotidianamente em sala de aula).

Dos três aspectos anteriormente mencionados, o oculto merece ser destacado. Ele é comparado, por Apple (2), a uma *caixa negra* que produz e reproduz a hegemonia. Na tentativa de estabelecer limites ideológicos, tem a escola procurado promover o quietismo e o sentimento de que parece ser natural a neutralidade do conhecimento. O objetivo é consolidar normas e valores sociais, de uma maneira implícita, efetivamente transmitidos, entretanto, pelas escolas. Desta forma, os alunos assimilam, através das formas de interação que ocorrem dentro da escola, o modo como devem se relacionar com a estrutura social:

uma sociedade baseada no capital cultural técnico e na acumulação individual do capital econômico precisa mostrar-se como se fora o único mundo possível (2:126)

Nasceram, também, nesta época, a análise crítica e a sociologia do currículo que davam importância a três aspectos fundamentais: a ideologia (engloba todo o contexto educacional e o currículo, revelando-se nos livros didáticos e nas aulas de tom idealista), a cultura (tanto é criada e reproduzida pelo currículo quanto é transmitida) e o poder (o currículo é permeado pelas relações de poder).

Analisando-se o aspecto cultural do currículo, especificamente, percebe-se que a cultura chega à escola através dos conteúdos que foram selecionados para compor a proposta curricular. A seleção dos conteúdos, por sua vez, obedece a determinantes pedagógicos e políticos. Considerando-se que, em última instância, o Estado é responsável pela determinação do currículo, os conhecimentos determinados por ele se traduzem em cultura oficial. Chega-se, aqui, a um ponto importante: a cultura oficial prioriza a cultura da elite, em detrimento da cultura popular, diminuindo

do-a, marginalizando-a. A escola não raro tem sido alvo de duras críticas por manter a diferenciação até atingir o ponto da exclusão social. Uma reflexão sobre o currículo - tanto em seu conteúdo quanto em sua forma - se faz necessária, na medida em que apontará para o respeito às diferenças culturais, sem a pretensão de homogeneizar as várias culturas.

O currículo, tenha-se em conta, ganha significação no universo das atividades educacionais escolares:

... existem certos aspectos do crescimento pessoal, considerados importantes no âmbito da cultura do grupo que não ocorrerão de forma alguma, a menos que seja fornecida uma ajuda específica, que sejam exercidas atividades de ensino especialmente pensadas para esse fim (4: 43)

A escola tem sido o espaço escolhido socialmente para que se garanta o acesso aos conhecimentos significativos acumulados pela humanidade. Contudo, a verdadeira educação proporcionada pela escola deve promover o desenvolvimento integral do ser humano, uma vez que a acumulação de informações por si só não leva à construção do conhecimento:

... a educação escolar ideal não é a que transmite os saberes constituídos e legitimados socialmente, mas, sim, aquela que garante algumas condições ideais para que os alunos desenvolvam as suas potencialidades e capacidades cognitivas, afetivas, sociais e de aprendizagem. (5: 11)

A proposta curricular, por sua vez, é direcionada em função da escola que se deseja ter, com base na concepção de educação e no próprio conceito de currículo. Isto é que delineará as metas, os objetivos a serem alcançados, os conteúdos a serem selecionados, as atividades a serem escolhidas, o método a ser seguido. A partir de então, ficará explícito o projeto educacional, com orientações para a prática pedagógica. Segundo Coll

o currículo é um elo entre a declaração dos princípios gerais e sua tradução operacional,

entre a teoria educacional e a prática pedagógica, entre o planejamento e a ação, entre o que é prescrito e o que realmente sucede nas salas de aula (4: 34).

Padronizar um currículo para toda uma população é tarefa por demais difícil, uma vez que há diferenças culturais, econômicas e políticas em jogo; talvez a orientação pedagógica para debelar este problema seja adotar um currículo com uma parte fechada (finalidades, metas, objetivos gerais, aprendizagens mínimas) e outra parte aberta (conteúdos específicos, objetivos finais, metodologia e atividades). É o que várias nações do mundo já têm feito. Isto amplia a liberdade criativa, sem desprezar a padronização, que garante um grau de igualdade.

Países em todo o mundo têm vivenciado transformações profundas na esfera econômica, que têm afetado as formas de gestão e de organização do trabalho. A globalização² das economias tem exigido uma revisão dos processos de produção e de comercialização para que se continue garantindo níveis de competitividade no mercado internacional. Em meio a tudo isto, ocorrem mudanças de ordem trabalhista: o trabalho em equipe tem substituído dia a dia o trabalho individual, num contexto de instabilidade, temporalidade e insegurança do trabalhador. Verifica-se uma crescente tendência ao desaparecimento do emprego tal qual o concebemos hoje, cedendo lugar a novas formas de ocupação.

Desta forma, o que se tem esperado das instituições escolares é um novo compromisso com a formação dos alunos:

poucas vezes ao longo da história foi tão urgente a aposta em uma educação verdadeiramente comprometida com valores de democracia, solidariedade e crítica, se quisermos ajudar cidadãos e cidadãs a enfrentar essas políticas de flexibilidade, descentralização e autonomia propugnadas nas esferas trabalhistas. (12: 23)

Outros autores, entretanto, alertam para as conseqüências do elo entre educação e economia, tendo como base a adoção de um currículo nacional:

² O termo globalização tem sido utilizado em alusão a uma multiplicidade de fenômenos que, sobretudo a partir da década de 70, estariam configurando uma redefinição nas relações internacionais em diferentes áreas da vida social, como a economia, as finanças, a tecnologia, as comunicações, a cultura, a religião etc. (...) Na esfera cultural, Featherstone (1994: 12) salienta que a uniformização e a difusão internacional de hábitos, convenções e informação são crescentes, sendo exemplos o desenvolvimento de competições esportivas e a generalização de conceitos padronizados de cidadania em âmbito mundial. (1: 114)

um currículo nacional pode ser visto como um instrumento de prestação de contas, para ajudar-nos a estabelecer parâmetros a fim de que os pais possam avaliar as escolas. Porém, ele também aciona um sistema em que as próprias crianças serão classificadas e categorizadas como nunca foram antes. Uma de suas funções básicas será atuar como "mecanismo" para diferenciação mais rigorosa das crianças segundo normas fixas, função essa cujos significados e origem social não são explicados (1: 75).

De qualquer forma, é preciso desafiar a tradição prescritiva do currículo para que ele agrupe uma ampla variedade de novas práticas educacionais, promovendo aprendizagens significativas³, condizentes com a nova ordem mundial.

No Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) nasceram para atender às determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 20 de dezembro de 1996, sendo uma proposta de inovação curricular, cujo objetivo é contribuir para se vencer a crise por que tem passado a educação brasileira. São um modelo curricular para que

... o sistema educacional do País se organize, a fim de garantir que, respeitadas as diversidades culturais, regionais, étnicas, religiosas e políticas que atravessam uma sociedade múltipla, estratificada e complexa, a educação possa atuar, decisivamente, no processo de construção da cidadania, tendo como meta o ideal de uma crescente igualdade de direitos entre os cidadãos, baseados nos princípios democráticos. Essa igualdade implica necessariamente o acesso à totalidade dos bens públicos, entre os quais o conjunto dos conhecimentos socialmente relevantes. (10: Vol. 1, 13)

Assim, elaborados a partir de um amplo processo de debates na sociedade, os PCN também apontam para uma reflexão sobre a prática educativa, insistindo no desenvolvimento profissional dos professores para que se propicie a melhoria do ensino. Contrapõem-se veementemente às práticas educativas tradicionais nas quais o aluno não participa do processo de construção de seu próprio conhecimento, em que a tendência predominante é a transmissão-incor-

poração de conteúdos. Consideram, também, como função primordial da escola ensinar o que o aluno, sozinho, não tem condições de aprender. Para tanto, os conteúdos não são enfocados como um fim em si mesmos, mas como meio para que os alunos desenvolvam capacidades para poder atuar eficientemente no meio social. E sobre a seleção dos conteúdos, afirmam que deve haver um processo de reflexão que leve à sua ressignificação, rejeitando a vinculação entre a importância dos conteúdos e a interpretação transmissiva e cumulativa do ensino e aprendizagem. Fatos e conceitos ampliam-se para incluir procedimentos, valores, normas e atitudes. Os conteúdos são agrupados em três categorias: conceituais, procedimentais e atitudinais.

Os conteúdos conceituais dizem respeito à organização da realidade, por meio da construção de capacidades tais como as de *operar com símbolos, idéias, imagens e representações*. (10: vol. 1, 74) Tal aprendizagem se dá pouco a pouco, iniciando pelo conhecimento de fatos e, por aproximações sucessivas, chega-se à compreensão de princípios, que detêm um nível maior de abstração. Desta forma, os conteúdos ganharão significado e poderão ser relacionados a outros.

Os conteúdos procedimentais, por sua vez, têm sido confundidos, historicamente, com o ensino de conceitos. Para aprender um procedimento - *saber fazer, que envolve tomar decisões e realizar uma série de ações, de forma ordenada e não aleatória, para atingir uma meta* (10: vol. 1, 75) - o aluno deve contar com a orientação segura do professor, pois não se trata de algo que se possa realizar espontaneamente, num primeiro momento. Tal aprendizado deve levar, sobretudo, à compreensão dos conceitos, contrapondo-se ao aprendizado mecânico.

Já os conteúdos atitudinais permeiam todo o conhecimento escolar (10: vol 1, 76). Tais conteúdos tratam de valores, normas e atitudes a serem abordados no projeto pedagógico da escola, tendo-se claro o compromisso que esta tem com a formação de indivíduos atuantes na sociedade. Aqui, deve-se levar em conta as diferenças culturais, sociais e econômicas dos alunos, e a prática que se desenvolve no contexto escolar.

Conhecer a natureza dos diferentes conteúdos é importante à medida em que se pode trabalhá-los de forma consciente e integradora.

Para que certas temáticas não se restringissem a uma determinada área do conhecimento, surgiram os *temas transversais*, pressupondo uma abordagem

³ Nas aprendizagens significativas, as novas informações e os novos conhecimentos relacionam-se de uma forma não arbitrária com aquilo que a pessoa já sabe. A aprendizagem que visa à memorização, por sua vez, não permite que este processo ocorra

integradora das diversas áreas, contemplando questões sociais de grande relevância e urgência. Apontando para uma transformação da prática pedagógica, a transversalidade critica a herança cultural de se conceber o conhecimento estaticamente. Restringe-se, portanto, ao campo da didática. Distancia-se conceitualmente da interdisciplinaridade, que, embora também rejeite o tratamento compartimentalizado dado ao conhecimento, relaciona-se ao tratamento epistemológico daquilo que se deseja conhecer.

CONCLUSÃO

Historicamente, observamos que muitos foram os cursos seguidos pela educação brasileira até aqui. Em tempos de acirramento da política neoliberal, em que testemunhamos um processo de crescente desemprego, fome, miséria e marginalização, a escola, através do currículo, está cada vez mais exposta a ser um meio de controle e regulação por parte do Estado, pois nunca se privilegiou tanto a ligação entre o saber e o saber fazer e o discurso do aprender a aprender

Na era da globalização, muito ainda há que se correr nesta pista para que se garanta uma educação compromissada com as diversidades e com a construção de identidade. Desta forma, se entendemos que a formação do aluno é um processo, faz-se necessário estruturar o currículo em função deste mesmo processo, em seu aspecto total, e não somente em razão de uma parte dele (e.g.: objetivos, metas). Devemos preparar um tempo em que

... o currículo não será visto como uma "pista de corridas" determinada, a priori, e sim como uma passagem de transformação pessoal. Esta mudança de foco e sujeito colocará mais ênfase no corredor correndo e nos padrões que emergem conforme muitos corredores correm, e menos ênfase na pista de corridas, embora nem os corredores nem a pista possam ser dicotomicamente separados. (6:20)

As políticas curriculares dizem respeito a um jogo decisivo tanto para o estabelecimento da hegemonia quanto para a sobrevivência da oposição, da resistência. No meio desta luta, encontra-se o projeto de educação que se almeja construir para o País.

E, seguramente, o sucesso da educação não depende unicamente de uma boa proposta curricular. Porém, para que esta proposta chegue a resultados válidos, para que se tenha a *escola cidadã*, muito mais que estar aberta à discussão crítica, deve ser passível de ser trasladada à prática - convenientemente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPLE, Michael W. A política do conhecimento oficial: faz sentido a idéia de um currículo nacional? In: MOREIRA, Antônio Flávio, SILVA, Tomaz Tadeu. *Currículo, cultura e sociedade*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995. p. 59-91.
- APPLE, Michael W. *Ideologia e currículo*. s/ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CATTANI, Antonio David (org.). *Trabalho e tecnologia: dicionário crítico*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- COLL, C. *Psicologia e currículo – uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- COLL, C., POZO, J. I., SARABIA, B., VALLS, E. *Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes*. s/ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- DOLL Jr., William E. *Currículo: uma perspectiva pós-moderna*. s/ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GOODSON, Ivor F. *Currículo: teoria e história*. s/ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LEITE, R. C. M. *Avaliação de currículo de Ciências de 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental em Escolas Públicas: o caso da 9ª região em Fortaleza*. Dissertação de Mestrado. Fortaleza, setembro de 1998.
- MEC, *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 1997.
- SAVIANI, Dermeval. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: FERRETTI, C. J. et al (Org.) *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 151-168.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. *Globalização e interdisciplinaridade – o currículo integrado*. s/ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.